



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in
The Ocean's Cultural Heritage
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[2]

OCEANICA

FICHA TÉCNICA

Oceanica – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, n. 2 (maio, 2017)

Coordenação editorial
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

Equipa de edição
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Gaspar de Freitas (IELT)
Ricardo Naito (IEM)

Design e edição fotográfica
Carla Veloso (CHAM)
Ricardo Naito (IEM)

Fotografia da capa
Roque de Arriaga. Fotografia gentilmente cedida pela Família Arriaga Correia Guedes

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

O MAR NA TRADIÇÃO POPULAR PORTUGUESA

Lendas e superstições, transmitidas oralmente ao longo de gerações, reforçam a ideia de que o mar foi durante muito tempo o espaço privilegiado do desconhecido...

Hoje, a praia é um espaço que agrada à maioria das pessoas. Mas nem sempre foi assim. Durante séculos, vastos trechos da costa eram evitados, permanecendo inabitados, com exceção de pequenas comunidades que exploravam os recursos piscícolas, de forma sazonal. Esta realidade só mudou no século XIX quando o litoral se converteu no local de recreio das elites.

O mar da tradição popular não é o dos Descobrimentos nem o da navegação Atlântica, é o mar próximo, fonte de sustento e de luta pela sobrevivência diária. Na tradição oral, o mar e o litoral estão geralmente associados a perigos, reais e imaginários. Lendas e superstições refletem o carácter sagrado do mar e a crença de que era povoado por seres fantásticos. Em finais do século XVIII ainda surgiam notícias sobre o aparecimento de monstros junto à costa. E, em várias terras do litoral praticava-se o ‘banho santo’, nos dias de S. João (24 de junho) ou de S. Bartolomeu (24 de agosto), para livrar as crianças de maleitas como a epilepsia. A pirataria, que muito afligiu a costa portuguesa, também estava presente no imaginário popular. Na expressão *Anda mouro na costa* ou nos versos do Romanceiro: *Partiu o conde de Arcelo / Para uma grande romaria / D’onde foram descansar / Em uma praia mui fria. / O conde estendeu a capa, / Condessa sua mantilha; / Lá por essa noite dentro / Galé de mouro havia; / Quiseram cativar o conde, / Ele como homem não queria; / Já o conde fica morto, / Já a condessa vai cativa*. Porque os naufrágios eram comuns, as comunidades tinham fórmulas para chamar aqueles que morriam e cujos corpos se pretendiam recuperar. Veja-se este exemplo da Póvoa do Varzim: *Ao meio-dia e à meia-noite a pessoa que chama o morto grita à borda do mar: “Ó mar, deita cá para fora esse cristão, que o queremos enterrar em sagrado!” O cadáver acaba por aparecer e aproximando-se dele alguma pessoa de família espirra logo sangue, ainda que estivesse estado na água mais de quinze dias*. Havia também práticas destinadas ao apaziguamento das águas. Em Leça da Palmeira, quando o temporal ameaçava, duas donzelas iam varrer a capela do Corpo Santo com vassouras de giesta, dizendo a lenda que, realizado esse trabalho, sucedia a bonança.

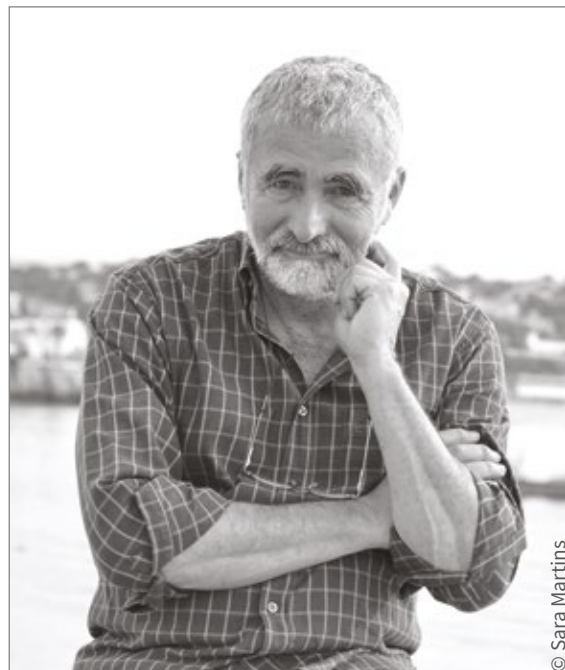
Lendas e superstições, transmitidas ao longo de gerações, reforçam a ideia de que o mar (e por associação o litoral) foi durante muito tempo o espaço privilegiado do desconhecido. Pode ler mais em: www.researchgate.net/publication/304013188_Landscapes_of_Fear_the_Portuguese_Coast

Joana Gaspar de Freitas

UM INVESTIGADOR E A SUA OBRA

Luís Sousa Martins (IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição)

Doutorado em Antropologia Social pelo ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, é autor de vários trabalhos sobre as comunidades piscatórias portuguesas e colaborador do Museu Nacional de Etnologia, onde, em 2015, organizou a exposição *Artes de Pesca: pescadores, normas, objetos instáveis*. Foi ainda um dos coordenadores do projeto *Celebração da Cultura Costeira*, que pretendeu identificar e dar visibilidade às culturas costeiras, promovido pela Mútua dos Pescadores e financiado pelas EEA Grants. Na base de todo o seu trabalho académico está a investigação e recolha etnográfica junto das populações. Para fazer a sua tese de doutoramento viveu durante três anos com uma família de Averomar, Póvoa do Varzim. Saiu com os pescadores para o mar, sentiu na pele a dureza do seu trabalho, o frio, o sono, o enjoo, a violência do embate das ondas. O que distingue o seu trabalho é a sua dedicação e a sensibilidade para ouvir o Outro e desta forma ter acesso a comunidades, geralmente fechadas sobre si, que lhe confiam as suas histórias e tradições. Ouvir o Luís Sousa Martins contar o que lhe foi contado e o que experienciou ao longo dos anos sobre as gentes do mar é um verdadeiro prazer.

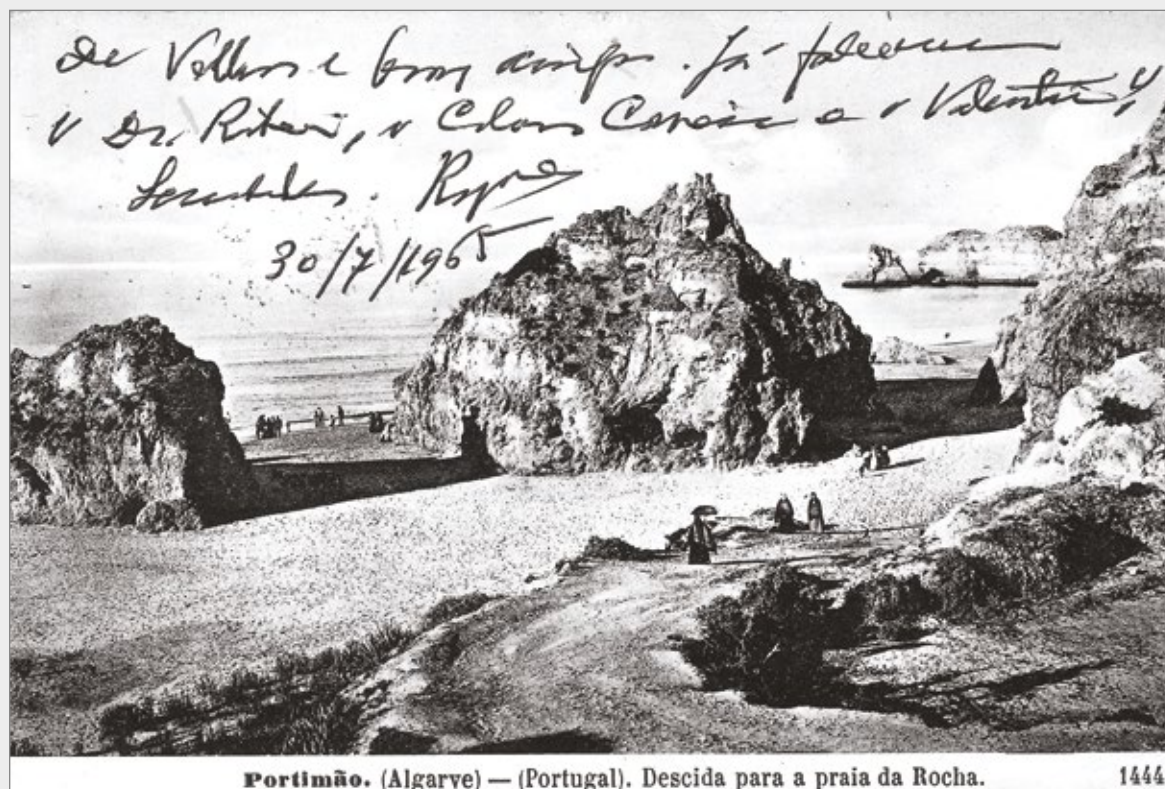


© Sara Martins

AS PRAIAS DE PORTUGAL

A Praia da Rocha

Ramalho Ortigão, na sua famosa obra sobre as praias de Portugal (1876), não menciona a Praia da Rocha. Esta só começou a ser frequentada para fins balneares no início do século XX. Foi a primeira estância do Algarve, celebrada pela sua beleza cénica e condições climáticas. Mas a praia que hoje se apresenta aos olhos dos visitantes já nada se parece com a de princípios do último século. E poucos sabem disto! É que com o aumento do turismo na década de 1960 deixou de haver espaço para tanta gente no areal. Mais, o mar, atacando as arribas, punha em perigo as infraestruturas construídas no seu topo. A solução foi então proceder ao alargamento da praia, usando areia dragada do canal de acesso ao porto de Portimão. A alimentação artificial da praia foi bem-sucedida, mas a Praia da Rocha é presentemente uma verdadeira antropocosta. Leia mais em: <http://dx.doi.org/10.5894/rgci317>



Portimão. (Algarve) — (Portugal). Descida para a praia da Rocha.

1444

◀ Postal
Portimão. (Algarve)
– (Portugal). Descida
para a praia da Rocha.
n.1444
Arquivo da Família
Arriaga Correia Guedes

NOTÍCIAS E EVENTOS

HISTÓRIA. JORNAL DE NOTÍCIAS

N.º 7, abril, 2017

A revista *História do Jornal de Notícias* publicou no seu último número uma extensa entrevista com o Professor João Paulo Oliveira e Costa, responsável pela Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”. Uma parte da entrevista aborda este novo projeto.

<http://jnhistoria.jn.pt>

COLÓQUIO “SINES, O PORTO E O MAR.
HISTÓRIA E PATRIMÓNIO”

Sines (Portugal), 7-9 setembro, 2017

Este colóquio, promovido pela Câmara Municipal de Sines, visa divulgar o passado atlântico desta cidade, debatendo não só o papel do porto de Sines na história, mas também, de uma forma mais abrangente e à escala nacional, temas como navios e rotas marítimas, estrutura e património portuário, pesca e comércio e escravatura e corso.

www.sines.pt

VII ENCONTRO DA REDE BRASPOR

Mares e Litorais: perspetivas transdisciplinares
Sesimbra (Portugal), 18-21 setembro, 2017

O prazo para a submissão de resumos ao VII Encontro da Rede BRASPOR foi prolongado até dia 5 de junho. Os interessados em submeter propostas de comunicação devem fazê-lo para o email: braspor2017@gmail.com

<https://ielt.fcsh.unl.pt>

PUBLICAÇÕES

THE SEA IN HISTORY

4 vols., Boydell & Brewer, 2017

A associação Oceanides, um programa internacional de investigação sobre História Marítima e Naval, financiado pelo Ministro francês da Ecologia, Sustentabilidade, Desenvolvimento, Transportes e Habitação, foi criada em 2012. O seu objetivo principal é o estudo do papel que os oceanos têm desempenhado na história e cultura da Humanidade. Em 2017, a Oceanides e a editora Boydell & Brewer publicaram uma coletânea, em quatro volumes, cobrindo um período temporal que vai da Pré-História ao presente. Especialistas em História Marítima de todo o mundo colaboraram nesta edição, escrevendo sobre a relevância dos oceanos.

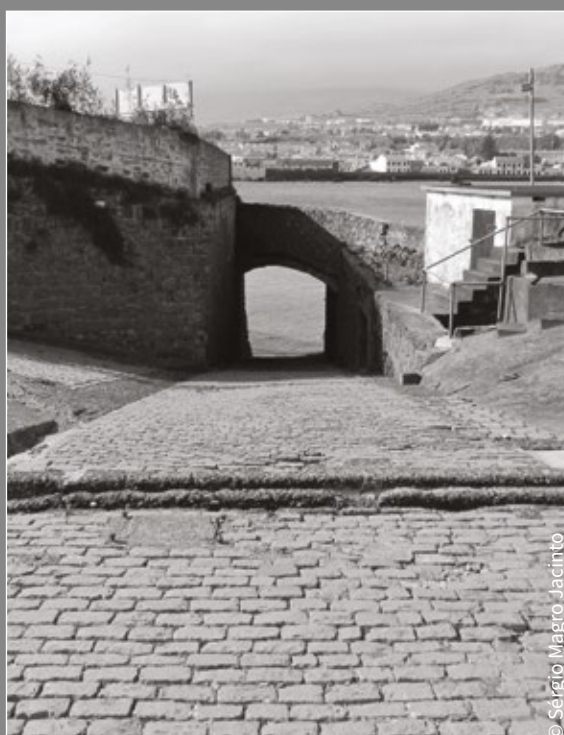
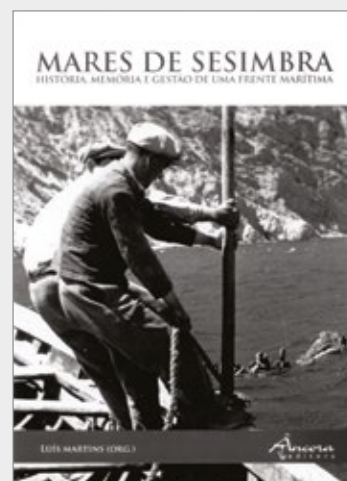
<https://boydellandbrewer.com>

MARES DE SESIMBRA. HISTÓRIA, MEMÓRIA E
GESTÃO DE UMA FRENTE MARÍTIMA

Âncora Editora, 2013

Tendo por base um relatório de Baldaque da Silva sobre a pesca em Sesimbra em 1896, vários investigadores, de diferentes áreas do conhecimento, coordenados por Luís Sousa Martins, traçam um retrato da vila de Sesimbra na sua relação com o mar. A partir de uma fonte histórica e do testemunho dos pescadores, esta obra reflete sobre o significado da pesca e sobre os impactos da criação do Parque Marinho Professor Luiz Saldanha em 2005.

www.ancora-editora.pt



COMUNICAR O PATRIMÓNIO

A Fábrica da Baleia de Porto Pim (Açores)

Na Horta, ilha do Faial, Açores, uma antiga fábrica de produção de óleo de baleia foi convertida, em 2002, em museu e centro sobre o mar. A fábrica começou a laborar em 1942-43 e funcionou durante trinta anos. Os animais eram rebocados até à baía de Porto Pim, onde se localizava a fábrica. Eram desmanchados no pátio, a gordura e os ossos eram tratados em autoclaves, para extrair o óleo, através da pressão do vapor. Esta unidade industrial encerrou em 1974 e o edifício ficou abandonado durante cerca de vinte anos. Hoje, o espaço destina-se a preservar este importante património: as antigas máquinas foram recuperadas e a informação disponível ao longo da fábrica permite aos visitantes ver (e recriar) todo o processo de laboração. Durante o processo de musealização do espaço, foi também feita a digitalização dos arquivos da SIMAL – Sociedade Industrial Marítima dos Açores que podem ser consultados pelos investigadores. Desde 2004, o OMA – Observatório do Mar dos Açores tem usado a fábrica como base para a divulgação, junto do público, das suas atividades na área da proteção da fauna marítima das ilhas.

Veja fotos em: <http://oma.centrosciencia.azores.gov.pt>